

## A flora na obra de José de Anchieta

Isabel Maria Madaleno

Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Universidade de Lisboa, Portugal.  
Isabelmadaleno8@gmail.com

**Resumo.** O Padre José de Anchieta nasceu nas Ilhas Canárias mas cedo emigrou para Portugal, tendo passado a maior parte da sua existência ao serviço da Coroa Portuguesa. A sua obra integra escritos sobre os índios brasileiros, a sua cultura, as plantas que cultivam no século XVI, alimentos que consomem e a flora medicinal por eles utilizada. O trabalho que se apresenta é fruto de investigação qualitativa desenvolvida entre os arquivos históricos consultados e os testemunhos recolhidos nos mercados, feiras e quintais de cidades várias, em busca dos saberes tradicionais sobre saúde e alimentação. O objectivo é examinar os manuscritos do início da colonização europeia e cruzar a informação recolhida, primeiro com outros escritos renascentistas e, depois, com a pesquisa empírica desenvolvida após 1998, no continente americano. A par e passo se fará a exposição das técnicas e métodos qualitativos utilizados, a fim de demonstrar como interagem no processo de investigação.

**Palavras-chave:** Flora, Investigação Qualitativa, Jesuítas, Ciências Sociais, Geografia, América do Sul, Brasil.

### The Flora in the Writings of José of Anchieta.

**Abstract.** Father Jose of Anchieta was born in the Canary Islands but soon travelled to Portugal and spent the rest of his life at the service of the Portuguese Crown. He has written about the Brazilian Indians, their culture, crops, food and medicinal plants used in the 16th century. The work presented is the outcome of qualitative research developed reading old manuscripts from historical archives and while gathering testimonies in markets, fairs and gardens of several American cities, towards the organisation of databases on traditional knowledge of food and health. The main objective is to survey old manuscripts and to cross-examine their information first with other Renaissance data and then with the empirical investigation developed in Brazil, from 1998, so as to rank all the plant species. The qualitative methodology utilised is exposed so as to demonstrate how the research methods and techniques interact with each other, during the investigation process.

**Keywords:** Flora, Qualitative Research, Jesuits, Social Sciences, Geography, South America, Brazil.

## 1 Introdução

O jesuíta José de Anchieta foi um dos primeiros colonos a dedicar-se à missão dos índios brasileiros. Nascido guanche, em San Cristóbal de Tenerife, nas Ilhas Canárias, em 1534, veio a falecer numa pequena cidade hoje conhecida pelo nome de Anchieta, no Brasil, em 1597, após longa e fecunda existência dedicada à evangelização das comunidades indígenas, por todo o subcontinente. Formado pelo Colégio de Coimbra, fundado pela Companhia de Jesus a 13 de Junho de 1542, Anchieta passou décadas no Brasil (Arquer, 2015). O litoral brasileiro que o jesuíta explorou foi oficialmente descoberto ou redescoberto por Pedro Álvares Cabral, em 1500, já que na opinião do historiador luso Jaime Cortesão, o continente americano já havia sido visitado por dinamarqueses, italianos e portugueses em anteriores expedições marítimas (Cortesão, 1994).

Com efeito, a descoberta da rota das especiarias por Vasco da Gama, dois anos antes, havia sido demandada durante anos por ser vital para a sobrevivência da Europa, cujos víveres eram preservados com os condimentos orientais, mormente os indianos. Devido à expansão do Império Otomano, a rota das caravanas e os transportes através dos portos do Mediterrâneo oriental tornaram-se árduos e

perigosos, o que levou à escassez e carestia das tão desejadas especiarias. Os mercadores de Veneza, Florença e Génova (hoje cidades italianas) deslocaram-se à Península Ibérica, especialmente a Portugal, ajudando a encontrar uma rota alternativa. A história é conhecida: enquanto Colombo a buscou para o oeste, descobrindo a América em 1492, ao serviço dos Reis Católicos, os portugueses apostaram na rota do Cabo da Boa Esperança, contornando o continente africano que foram denodadamente mapeando, porto a porto. Cortesão explica que os ventos empurravam naturalmente as caravelas para a costa brasileira, como terá acontecido com Cabral, embora provavelmente a chegada a Porto Seguro tenha sido intencional e estratégica (Cortesão, 2009).

A Companhia de Jesus iniciou a missão para o oriente e para o Brasil em Lisboa, já que fora eleita a nova porta de entrada das especiarias na Europa. Os manuscritos do padre José de Anchieta incluem descrições dos povos indígenas do Brasil, dos alimentos que ingeriam no século XVI, os ritos e costumes tribais, as práticas de cura, as lendas e tradições orais, o que nos dá uma imagem impressionante e bastante exata da sua cultura e da flora nativa existente no início da colonização europeia. O objetivo primordial do trabalho que se apresenta é o de examinar os textos do jesuíta, cruzando-os com outros coevos e com a pesquisa empírica realizada no Brasil, ao serviço do Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa (IICT), ao longo de quase duas décadas, a fim de listar as espécies consumidas ou aplicadas com fins medicinais, durante o Renascimento. Adicionalmente, expomos a metodologia qualitativa utilizada, demonstrando como as técnicas e meios interagem no processo de pesquisa.

## 2 Material e Métodos

A primeira fase constou da exploração de fontes escritas do Padre José de Anchieta. As fontes históricas foram consultadas em Portugal, na Biblioteca João Paulo II, da Universidade Católica, e em Roma, no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI): 1) O primeiro manuscrito foi descoberto na Coleção *Vitae* do ARSI, em Roma, durante a missão de 2014 a Itália (Petrus, Simon, Beretario, 1610). A missão científica foi realizada no âmbito do projecto de investigação arquivística que versava os saberes tradicionais sobre flora medicinal dos membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa ou países outrora colonizados por portugueses, através da exploração dos escritos de padres da Companhia de Jesus; 2) O segundo manuscrito está publicado por uma editora brasileira e consta de acervo de cartas, fragmentos de textos, teatro e sermões proferidos por Anchieta, no Brasil (Anchieta, 1933). Essas fontes secundárias foram cruzadas com outra coeva, a Carta de Pêro Vaz de Caminha, o cronista que acompanhou Pedro Álvares Cabral na primeira viagem ao Brasil (Caminha, 1500).

A segunda fase constou do cruzamento das fontes históricas examinadas com as fontes primárias recolhidas durante as missões de investigação científica ao Brasil, ao serviço do IICT: a Belém do Pará (1998, 2005); a Presidente Prudente, São Paulo (1999); a Santarém do Pará e ilhas fluviais do rio Amazonas (2006, 2007); a Brasília e ao cerrado limítrofe (2008); a S. Luís do Maranhão (2010). As missões visavam o estudo da flora consumida ou aplicada com fins medicinais naquelas cidades e regiões. A metodologia utilizada foi qualitativa, baseada em amostragens feitas em cada uma daquelas urbes e suas áreas metropolitanas, com recurso a entrevistas a três atores principais: 1) Agricultores urbanos e periurbanos, jardineiros e cultivadores de quintais, plantadores de hortas comunitárias; 2) Vendedores de mercados e feiras, farmacêuticos e terapeutas que vendessem ervas e preparados medicinais; 3) Curandeiros e médicos fito-terapeutas (Madaleno, 2000, 2002, 2011, 2013, 2015).

A terceira fase consistiu no cruzamento dos dados recolhidos sobre usos da flora nativa e exótica durante o Renascimento e na atualidade, a fim de proporcionar a identificação das espécies vegetais mencionadas nos manuscritos do século XVI, onde constam apenas os vernáculos. A partir desses nomes vulgares, em português ou em idioma tupi, e fazendo jus à extensa listagem de vernáculos da flora estudada desde 1998, no Brasil, propusemos a identificação botânica das espécies consumidas

nos primórdios da colonização portuguesa, ou das usadas em tratamentos médicos, aplicadas externamente ou tomadas em mezinhas curativas. Para uniformizar critérios, utilizou-se sempre a taxonomia que consta da base de dados dos Jardins Botânicos do Missouri, que estão acessíveis online (MBG, 2016). Esta última fase permite traçar a evolução da flora consumida no Brasil ao longo do tempo, neste particular em dois momentos, durante o Renascimento e na atualidade.

**Tabela 1.** Plantas usadas no Brasil, no século XVI.

Usos selecionados	Nº listado por Anchieta	Nº listado por Caminha
1.Alimento básico	20	4
2.Frutas	11	2
3.Materiais de construção	3	-
4.Aromáticas e medicinais	8	1
5.Têxteis	1	2
Total	43	9

### 3 Contextualização

O Padre Anchieta pertenceu à congregação portuguesa da Companhia de Jesus, uma espécie de subordem dentro da ordem, porquanto alguns dos seus membros viveram em conflito quase permanente com os jesuítas espanhóis, fiéis à Coroa Espanhola, em particular os missionários das estâncias do Rio da Prata e do Paraguai (Cortesão, 2009; Madaleno, 2015). O ideário de construção de uma América portuguesa que ultrapassasse os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas (1494) foi protagonizado pelo Padre Manuel da Nóbrega, em 1551. Defendia que a *Terra Brasilis* era uma ilha limitada pelo rio das Amazonas (a norte), pela bacia do Paraguai (a sul), e pelo Tocantins, posição mais tarde revista e levada até ao rio Madeira (a oeste), por ser o afluente mais interior do Amazonas.

Embora fosse cartograficamente incorreta, esta visão do Brasil era admissível no século XVI já que os geógrafos e cartógrafos do Renascimento percebiam as bacias dos rios Amazonas e Paraguai como entidades interligadas por um lago interior. Assim, os jesuítas cedo se espalham para sul da Bahia em direção ao rio da Prata, e para o interior, em direção ao cerrado. Anchieta é, em consequência, fundador da cidade de S. Paulo, juntamente com outros padres da Companhia, de onde partem os bandeirantes, apesar de estarem em oposição à política oficial, do governador Tomé de Sousa, que não desejava conflitos com os espanhóis. Aliás, tanto D. Manuel I como D. João III casaram com princesas espanholas e os seus interesses mesclaram-se frequentemente, fazendo perigar a independência do pequeno Reino de Portugal.

O relato deste episódio da história da Companhia de Jesus no Brasil ajuda-nos a compreender a saga do missionário nascido nas Canárias, mas escolarizado em Portugal, que viajou incansavelmente pela *Terra Brasilis*, aprendendo o idioma tupi, e com ele os nomes das plantas que os índios conheciam e utilizavam. Os seus escritos ensinam-nos que viveu em Pernambuco, Sergipe, na Bahia, no Rio de Janeiro, no atual estado do Espírito Santo, em São Paulo e no Paraná. De São Paulo partiram as “bandeiras” que adentraram o território brasileiro em busca de ouro, prata, madeiras preciosas, gado, e novas terras de cultivo, quase sempre subindo os tributários dos grandes rios, que ajudaram a cartografar, legando-nos informações preciosas sobre a flora e a fauna através dos escritos dos padres, os mais letrados no seu tempo, entre eles os membros da Companhia de Jesus.

## 4 Resultados

A Tabela 1 apresenta cinco categorias de vernáculos mencionados por José de Anchieta nos seus manuscritos. Recordamos que o jesuíta viveu no Brasil entre 1553 e 1597, pelo que naturalmente se referiu a um número bem superior de plantas ao listado por Pêro Vaz de Caminha, que visitou brevemente Porto Seguro e depois foi com a armada para a Índia. Caminha tanto descreve o que comiam e bebiam os portugueses, como os índios. Menciona o que vestiam e o que colocavam na pele, contra as picadas de insetos e para se protegerem do sol, caso da famosa *Bixa orellana* que para sempre lhes dará o cognome de “peles vermelhas”, mas não é explícito na descrição dos materiais de construção das casas, algo de que se ocupará com detalhe o Padre Anchieta.

É necessário precisar que Anchieta não era especialista em Botânica, mas era versado em práticas de cura, sendo pelos índios considerado um verdadeiro médico. As descrições das plantas usadas como medicina, em particular pelas mulheres, não escaparam ao seu espírito de observação e são contributo de inestimável valor para o conhecimento dos saberes terapêuticos dos primórdios da expansão portuguesa. O jesuíta listou quarenta e três espécies vegetais, a maior parte das quais se comia ou bebia, não apenas nativas mas igualmente a flora exótica introduzida pelos portugueses, como citrinos, hortaliças e leguminosas. Os alimentos básicos indígenas, como a mandioca, milho e batata, misturavam-se com as preferidas pelos colonos, o grão, fava, ervilha, lentilhas. As frutas nativas como o camapu (*Physalis angulata*), cujo fruto (e semente) é atualmente consumido por ser diurético, antioxidante e hipotensor na América do Sul, em especial no Peru (Agapito y Sung, 2004), eram mencionadas juntamente com laranjas, cidrões e limões, cujas árvores levadas de Portugal não precisavam de ser regadas. As plantas alimentares, mesmo os nutracêuticos, compõem listagem de trinta e uma espécies vegetais.

### 4.1 Primeiro Resultado: As espécies do Renascimento listadas

Examinando com pormenor a flora observada e descrita por Anchieta e Caminha, no Brasil, concluímos que: 1) Plantas alimentares nativas da América como a mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) são referidas por ambos autores; 2) Frutos autóctones são obviamente mais numerosos em Anchieta do que em Caminha. Do cajú (*Anacardium occidentale*), ao araticum (*Annona montana*), mangaba (*Hancornia speciosa*), mucujé (*Couma rigida*) ou naná (*Ananas comosus*), o Padre Anchieta conheceu, consumiu e descreveu todas as deliciosas frutas que os índios comiam. Acrescentou ainda exóticas como a laranja amarga (*Citrus aurantium*), cidrões (*Citrus medica*), limeiras (*Citrus aurantiifolia*) e limoeiros (*Citrus limon*), melões (*Cucumis melo*) e as tão mediterrâneas vinhas (*Vitis vinifera*) e o vinho que os índios cuspiram na primeira refeição que tomaram com os portugueses, de acordo com a Carta de Pêro Vaz de Caminha (Caminha, 1500).

3) A terceira categoria de espécies mencionada nos escritos de Anchieta é constituída por três (3) materiais de construção. Algumas plantas são aromáticas, como o cedro (*Cedrela odorata*), pau de bom odor; outras estão extintas, caso do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*); a derradeira planta é denominada genericamente palma, havendo diversas palmas elegíveis para cobrir as casas (Orwa et al., 2009). O Jesuíta escreveu que as mulheres se banhavam “na joeira das palmas” para mitigar as dores do parto (Petrus, Simon, Beretario, 1610). A água também é meio elegível para parir entre outras índias da América do Sul, como observámos entre os Aymaras (Madaleno, 2013).

4) O uso dual das palmas conduz-nos à análise da quarta categoria de usos patente nos manuscritos de Anchieta, as espécies aromáticas e medicinais. Algumas plantas curativas são igualmente alimentares, ou seja, são nutracêuticas. É o caso da mandioca, pois a “tisana da raiz cura febres e bronquites” (Petrus, Simon, Beretario, 1610). Esta categoria inclui aromáticas e condimentos como a pimenta nativa (*Capsicum annum*), juntamente com o exótico sândalo (*Santalum album*) e o gengibre

(*Zingiber officinale*), que cedo se começou a plantar no Brasil, ilegalmente, já que D. Manuel proibiu o plantio de espécies indianas para não prejudicar o tráfico das drogas da Índia. São oito (8) vernáculos, que incluem a antidiarreica ipecacuanha (*Carapichea ipecacuanha*). Os índios aplicavam a resina de almécega (*Protium heptaphyllum*) no cabelo, a fim de o tratar e embelezar, juntamente com penas de pássaros. Como curiosidade, Caminha menciona extensivamente o uso da *Bixa orellana*, como dissemos, mas Anchieta não. Contudo a espécie é referida nos escritos de outro jesuíta do Renascimento, Fernão Cardim (Azevedo, 1997).

5) Finalmente, mau grado referir-se a uma só planta, introduziram-se os usos têxteis na tabela. O algodão (*Gossypium herbaceum*) aparece em ambos autores. Caminha menciona ainda as roupas de linho dos portugueses (*Linum usitatissimum*), sob a forma de chapéus dos marinheiros que os indígenas tanto apreciaram. O Padre Anchieta observou também que as mulheres se encarregavam dos labores agrícolas, da cozinha, das crianças e das limpezas. Os homens indígenas eram caçadores e frequentemente se ocupavam do fabrico e consumo de bebidas fermentadas, como o *cauim*, feito do pseudofruto do cajueiro.

#### 4.2 Segundo Resultado: As espécies de Anchieta na contemporaneidade

A Tabela 2 apresenta os usos contemporâneos de catorze espécies investigadas ao longo de quase duas décadas, ao serviço do IICT, agora integrado na Universidade de Lisboa. A tabela permite ainda comparar, de forma sumária, os usos atuais com os do século XVI, no tempo de Anchieta: 1) A primeira observação a fazer é que os usos alimentares se mantêm, assim como alguns dos medicinais. Não existem, aliás, grandes contradições entre os usos das plantas no Renascimento e na atualidade. Frutos como o ananás (*Ananas comosus*), designado “cheira-cheira” em Tupi, mantêm as recomendações contra a pedra nos rins. Durante a missão de investigação ao Maranhão, em 2010, registámos esta mesma aplicação (Madaleno, 2011, 2012).

2) A identificação botânica das palmas dos manuscritos renascentistas é proposta com dois géneros diferentes. No caso das palmeiras que dão palmito (mencionado por Caminha), que são muitas, é o género das *Euterpes* o mais utilizado na sua extração, na contemporaneidade. O coqueiro também já existia no Brasil nesta época, sendo o coco um dos mais apreciados frutos desde o início da colonização europeia (Mendes Ferrão, 1999-2002). 3) Por outro lado, todos os citrinos, que são genericamente asiáticos, foram introduzidos pelos portugueses, o que é extensivo aos melões e a alguns condimentos como a salsa, que Anchieta designa como perexil, à espanhola.

4) A espécie nativa mais destacável é a *Physalis angulata*, o camapu, consumida pelos sobreviventes após o dilúvio. Em S. Luís do Maranhão registámos o seu uso para reduzir o ácido úrico, mas no Peru os seus usos são mais diversificados. Chamada “Coqueret du Pérou” em França, o fruto da *Physalis* vende-se hoje nos supermercados europeus, por ser muito nutritivo. Os ensaios químicos e farmacológicos feitos à espécie confirmaram que a parte aérea da planta tem efeitos benéficos contra a malária, enquanto a raiz é antirreumática e tónico do coração. O fruto é anticancerígeno (Agapito y Sung, 2004, Madaleno, 2012). A referência ao dilúvio é recorrente na tradição oral dos americanos (Ruiz, 1989), tendo o camapu dos relatos de Anchieta a função dual, nutracêutica, da oliveira do Antigo Testamento. O dilúvio é o mesmo do episódio da Arca de Noé, que consta do Livro do Génesis (Bíblia, 2012). Relembramos que o fim do dilúvio foi marcado pela folha verde de oliveira que a pomba levou a Noé, no seu bico (Gn.8: 11). Mau grado todas as interpretações possíveis das passagens bíblicas (Santos Vaz, 2004; Serrão, 2013), parece ter havido um dilúvio universal no nosso passado comum.

**Tabela 2.** Utilização da flora de Anchieta, no séc. XVI e na atualidade

Nome vernáculo (In English)	Nome científico	Usos no séc. XVI	Usos contemporâneos
Laranjeira amarga <i>Bitter orange tree</i>	<i>Citrus aurantium</i> L. RUTACEAE	alimentar	O fruto espremido consome-se contra a flatulência. É analgésico e alimento.
Cajueiro, Acajú <i>Cashew</i>	<i>Anacardium occidentale</i> L. ANACARDIACEAE	alimentar bebida	O sumo do pseudofruto consome-se contra a diarreia. Infusão da folha mitiga diabetes. Decocção da casca e folha aplica-se contra a sífilis. A castanha consome-se
Mandioca <i>Cassava</i>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz EUPHORBIACEAE	alimentar medicinal	Culinária.
Pimenta nativa <i>Chilli Pepper</i>	<i>Capsicum annuum</i> L. SOLANACEAE	especiaria	Culinária.
Cidreira <i>Citron</i>	<i>Citrus medica</i> L. RUTACEAE	alimentar	O sumo consome-se contra a gripe. Externamente aplica-se contra a conjuntivite.
Algodoeiro <i>Cotton</i>	<i>Gossypium herbaceum</i> L. MALVACEAE	têxtil	A folha espremida com mel e limão dá xarope contra a tosse e asma. Antiinflamatório. Usos têxteis.
Pepino, Maxixe <i>Cucumber</i>	<i>Cucumis sativus</i> L. CUCURBITACEAE	alimentar	Consumida para mitigar a diabetes e regular o ácido úrico. Culinária.
Camapu <i>Cut-leaf ground cherries</i>	<i>Physalis angulata</i> L. SOLANACEAE	alimentar	Antirreumática, hepática e contra a gota. Diurética, antioxidante, antimalárica, hipotensora. Alimentar.
Gengibre <i>Ginger</i>	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe ZINGIBERACEAE	medicinal	Digestiva, macerada em álcool. Consumida contra dores de garganta.
Alface <i>Lettuce</i>	<i>Lactuca sativa</i> L. ASTERACEAE	alimentar	Culinária.
Limeiras <i>Lime trees</i>	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle RUTACEAE	alimentar	Infusão da folha e flor cura a gripe. A folha espremida com mel dá xarope antitússico. O fruto é anti-inflamatório e analgésico. Comestível.
Palmas <i>Palm trees</i>	<i>Euterpe sp.</i> <i>Cocos nucifera</i> L. ARECACEAE	alimentar material de construção medicinal	O fruto da <i>E. oleracea</i> come-se e bebe-se. A raiz é analgésica. O coco alimenta e bebe-se a água em refresco. A polpa é hepática e consumida contra problemas nos ovários.
Salsa, Perexil <i>Parsley</i>	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss APIACEAE	especiaria	Culinária.
Naná, Ananás, Cheira- Cheira <i>Pineapple</i>	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. BROMELIACEAE	alimentar medicinal	Recomendada contra a pedra nos rins. Comestível.

## 5 Conclusões

A investigação qualitativa em Ciências Sociais é uma opção para os geógrafos e antropólogos empenhados em recuperar os saberes tradicionais. As fontes utilizadas são escritas, no que concerne à investigação dos tempos pretéritos, muitas delas acessíveis apenas em arquivos sob a forma



manuscrita. Relativamente aos saberes indígenas, continua a ser possível pesquisar a alimentação e as práticas de cura ancestrais com recurso a relatos orais, à transmissão de saberes feita por entre os curandeiros, os comerciantes de ervas e mezinhas, e os que as cultivam nos seus quintais ou jardins, que são, no exemplo brasileiro, lugares onde a biodiversidade tem a função de regular o clima, preservar a natureza e a diversidade das espécies, e verdadeiras despensas e farmácias do agregado familiar.

**Agradecimentos.** À Universidade de Lisboa e ao Instituto de Investigação Científica Tropical, por haverem permitido o desenvolvimento desta linha de investigação. Aos bibliotecários e arquivistas da Universidade Católica e do Arquivo Romano da Companhia de Jesus, pela orientação no processo de investigação histórica. Aos colegas das universidades brasileiras que nos ensinaram a identificar as espécies, em especial a Maria Elisabeth van den Berg, do Museu Paraense Emílio Goeldi, e a Theresinha Rêgo, da Universidade Federal do Maranhão, vai o nosso agradecimento. A todos os entrevistados nos mercados e feiras, nos jardins e quintais, sem olvido dos curandeiros, vai o nosso reconhecimento.

## Referências

- Agapito, T.F.e Sung, I. (2004). *Fitomedicina*. Lima: Editorial Isabel, 2 vol.
- Anchieta, J. (1933). *Joseph de Anchieta, Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões: 1554-1594*. Rio de Janeiro: Civilização.
- Arquer, M.R. (2015). Los primeros hermanos jesuítas. *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXIV (167), 51-77.
- Azevedo, A.M. (1997). *Tratados da Terra e Gente do Brasil, de Fernão Cardim*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Bíblia (2012). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos.
- Caminha, P.V. (1500). Carta de Pêro Vaz de Caminha. In Cortesão, J. (1994). *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 127-141.
- Cortesão, J. (1994). *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Cortesão, J. (2009). *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Madaleno, I.M. (2000). Urban Agriculture in Brazil: A Tale of Two Cities. *Triolog*, 65 (2), 24-27.
- Madaleno, I.M. (2002). *A Cidade das Mangueiras: Agricultura Urbana em Belém do Pará*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Madaleno, I. M. (2011). Plantas da Medicina Popular de São Luís, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6 (2), 273-286.
- Madaleno, I.M. (2012). Organic Cultivation and Use of Medicinal Plants in Latin America. *Pharmacognosy Communications*, 2 (4), 34-51.

- Madaleno, I.M. (2013). *Estudo Etnogeográfico de Plantas Medicinais da América Latina*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Madaleno, I.M. (2015). Medicinal Flora and the Jesuits in Latin America (XVI-XVII). *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXXXIV (167), 111-147.
- MBG (2016). *Missouri Botanical Garden's electronic databases*. Acesso online em: <http://www.tropicos.org>
- Mendes Ferrão, J.E. (1999-2002). *Fruticultura Tropical. Espécies com frutos comestíveis*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 3 vol.
- Orwa, C.; Mutua, A.; Kindt, R. ; Jamnadass, R. ; Anthony, S. (2009). *Agroforestry Database: a tree reference and selection guide version 4.0*. Kenya: World Agroforestry Centre. Acesso online em: [http://www.worldagroforestry.org/treedb/AFTPDFS/Cedrela\\_odorata.PDF](http://www.worldagroforestry.org/treedb/AFTPDFS/Cedrela_odorata.PDF)
- Petrus, R., Simon, V., Beretario, S. (1610). Vitae Padre Joseph de Anchieta, *Manuscrito VITAE* 153, 54-66.
- Ruiz, C. N. (1989). *Tradición Alimentaria Aborigen y Aspectos Medicinales de la Amazonía Peruana*. Lima: Manuel Góngora/ CONCYTEC.
- Santos Vaz, A. (2004). *Entender a Bíblia. Viver a Palavra, com o método da lectio divina*. Marco de Canavezes: Edições Carmelo.
- Serrão, D. (2013). *Jesus ensina e cura. Relatos de um médico sobre a vida de Jesus*. Lisboa: Sociedade Bíblica.